



...ual bem definido. Na
 tudo parece bastante
 para que ninguém se
 obrigado a nada. Excep-
 eleza. E aí reside, desde
 a primeira brecha na
 a «amoralidade» da mú-
 ças com a beleza se in-
 i já sentimentos com
 carga ética: a fraterni-
 a apenfência de paz, a
 da brutalidade. E o
 pode muito bem acabar
 urgir por acréscimo.

**CANTAR
 COM OS OUTROS**

que diz respeito, porém,

ao conteúdo preciso do «Con-
 certo em Diálogo» de ontem,
 até acontece que sempre esti-
 veram em jogo valores que
 ultrapassam os limites da es-
 tética supostamente pura. São
 canções do povo as que ali
 ouvimos, carregadas de sé-
 culos de uma existência con-
 creta, difícil. Não parece fá-
 cil amar aquelas canções sem
 amar a gente que as canta.
 E essa dimensão é mais um
 mérito de uma rubrica que,
 nesta sua terceira emissão,
 atingiu enfim uma zona de
 qualidade. É claro que «Con-
 certo em Diálogo» ainda pode
 ser melhor, tornar-se apaixo-
 nante, empolgar. Mas o nível
 ontem atingido já justifica o
 programa.

Na semana anterior, o tom
 de «Concerto em Diálogo»
 mantivera-se num acerto qua-

se glacial, a prejudicar a in-
 dispensável mobilização do
 público para o interesse mui-
 to vivo que uma rubrica des-
 tas reclama. Na emissão de
 ontem, constituída pela se-
 gunda parte da mesma grava-
 ção, aconteceu o calor: pri-
 meiro na presença de Manuel
 Jorge Veloso, depois em Fran-
 cisco d'Orey, finalmente em
 todos quantos assistiam à gra-
 vação: os que cantavam co-
 mo os que ouviam. Até que,
 perto do final, o prazer de
 cantar irrompeu pelas veias
 de uns e de outros. E foi na-
 tural a alegria profunda de
 misturar a própria voz com
 as vozes alheias para cons-
 truir uma obra comum. E
 cantar foi uma festa parti-
 lhada.

CORREIA DA FONSECA

tele scópio

TV EUROPA

«O Belo A»
 nem mere
 opzilis
 0222

força de pe-
ode ter um
ulgação cul-
sob a forma
quando in-
grama que
estrutura o
te. Ontem,
es-terão ti-
Conimbri-
berto, com
Arqueolo-
na ciência

realizador

rrado: já
palco do
rade era
de Tele-
por ser
ograma
ue a Te-
tem me-
i por al-
teriores.
uís An-
como o
ipa de
reporta-
ow» de
de um
não fez
na evo-
decer-
s. Ago-
ue po-
lvez, o
muitos
le im-

regie-
maras
outros
cora-
voso

deu aquela grandeza. E
atreveu-se a rir das alusões
às jumentas, da ternura e
da saudade. E com isso lá-
vrou o auto da sua incons-
ciente pequenez.

6 Francisco d'Orey: um
rosto sereno que só a
música iluminou

Não ficou espaço nenhum
para nos referirmos a Fran-
cisco d'Orey. E contudo é
indispensável dizer da sua
exemplar sobriedade, da
dignidade que quase tornou
absurdo o tratamento ínti-
mo de Fialho. De como
salientou lúcidamente a
contradição fundamental de
um povo que tem o instinto
de cantar mas que acaba
por ser um ouvinte silen-
cioso. Consumidor passivo,
não da música portuguesa,
mas de «outra coisa, essa
que para aí cantam».

CORREIA DA FONSECA

VAI ESTREAR-SE A NOVA REVISTA DO VARIEDADES

No Teatro Variedades, a
nova revista «Peça a Palavra»
está em últimos ensaios. O ex-
celente texto, da autoria da
parceria constituída por Paulo
da Fonseca, César de Oliveira